

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: por uma aprendizagem significativa

Monaliza Alves Lopes¹

Rosy-Mary Magalhães de Oliveira Sousa²

RESUMO: Ensinar é um desafio que exige a dedicação e designação de caminhos para trilhar. Aprender é um processo. O objetivo desse estudo busca demonstrar que o processo de ensino e aprendizagem tem que ter significado ao discente. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e objetiva-se em inserir ao estudante pesquisador as informações existentes sobre o tema estudado. A aprendizagem vinculada à prática social caminha para a formação de indivíduos competentes e sua função. O sujeito principal é o estudante. Portanto, o saber é construção, não se pauta em transmitir informações. O aluno, nas metodologias ativas de ensino, é o centro do ensino e de aprendizagem, é instigado a ter autonomia, refletir, inovar, trabalhar em equipe, problematizar a realidade e o professor é mediador em todo processo. O estudante é estimulado a controlar-se e participar das atividades na sala de aula. Esta ação gera autonomia e motivação do aprendiz. As metodologias ativas são pautadas na prática de um educador que busca conhecer sua própria ação vinculada ao ambiente e indivíduos envolvidos no processo. O professor, além de analisar como está avaliando através do diálogo possibilita identificar a visão do aluno quanto à maneira que o docente avalia. Através da pesquisa bibliográfica realizada é possível compreender que as metodologias ativas possibilitam uma aprendizagem significativa. Dado que o sujeito se torna ativo e tem autonomia através da construção do conhecimento que foi percorrido.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias ativas. Aprendizagem significativa. Sujeitos ativos e autônomos.

INTRODUÇÃO:

Ensinar é um desafio que exige a dedicação e designação de caminhos para trilhar. Visto que, estimular a aprendizagem só é plausível quando há significado ao estudante. Quando o que é trabalhado é contextualizado, se torna mais claro e objetivo ao discente.

Aprender é um processo. O desenvolvimento do indivíduo está relacionado com o seu conhecimento. Assim, a práxis possibilita perceber aprendizagem em ação, independente do contexto que está inserido.

¹ Acadêmica do curso de Especialização em Neuropsicopedagogia institucional e clínica da Faculdade Alfredo Nasser, 2019.

² Professora e coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser.

A metodologia utilizada por quem ensina é de alta importância para que ocorra a aprendizagem. Dado que, quem não sabe, está inteiramente vinculado ao que será proposto. Assim, o discente poderá ou não internalizar o conteúdo trabalhado pelo professor.

Com base no desenvolvimento cognitivo estimulado pelo professor, questiona-se: qual seria o melhor caminho a trilhar para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra com plenitude e bons resultados?

O tema abordado contribui de forma significativa na formação de uma sociedade organizada. Com as metodologias ativas torna-se participativa a busca de melhorias para a humanidade, não se deixará levar por pensamentos alheios. Assim, os seres humanos dotados de autonomia influenciarão nas decisões particulares e globais que possibilitam o bem estar da população.

As colaborações do assunto pesquisado permitirão instigar nos alunos a tomada de decisões precisas. De maneira que sejam defensores de ideias benéficas a si próprios e aos que os rodeiam. As instituições escolares, nessa perspectiva, buscam formar cidadãos críticos e não se prendem ao repasse de conteúdo.

Segundo Lakatos e Marconi (2009) a pesquisa bibliográfica refere-se ao conjunto de publicações sobre determinado assunto em revistas, livros, publicações avulsas e imprensa escrita. E objetiva-se em inserir ao estudante pesquisador as informações existentes sobre o tema estudado. Ao passo que o trabalho terá a modalidade de pesquisa bibliográfica para sua elaboração e terá os pensamentos interpretados e analisados dos seguintes autores que discutem o assunto proposto: DIESEL (2017); ESTEBAN (2003); PERRENOUD (2002); PLATAMURA (2003).

1 O PAPEL DA EDUCAÇÃO NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAIS

De acordo com Plantamura (2003) as mudanças desafiam a Educação a dinamizar o seu currículo e didática. Dado que a aprendizagem alia-se a prática profissional e social. Consequentemente, contribui diretamente para a práxis da aprendizagem.

O texto (2003) destaca que o profissional bem preparado, independente da área que irá atuar, executa sua ação plausivamente. Visto que, para este resultado é necessário um currículo condizente com a realidade. O professor tem o desafio de

contextualizar e desenvolver atividades, seja oral, prática, de observação, etc, que estimulem o indivíduo ao aprendizado que o capacite profissionalmente.

O processo de ensino e aprendizagem tem que ter significado ao discente. A aprendizagem vinculada à prática social caminha para a formação de indivíduos competentes em sua função. "(...) Todo aprendizado deve ser associado a práticas sociais, tendo sentido para os alunos e transformando-se em competência assimilada para dominar situações que a vida apresenta. (...). (PLANTAMURA, 2003, p. 94).

O autor (2003) comenta que a ação do professor pode transformar. Através da postura reflexiva que este age de maneira a instigar o desenvolvimento dos discentes. Portanto, coloca em prática o que é e foi planejado.

Conforme o autor (2003) o docente que vincula sua prática profissional ao contexto social dos envolvidos consegue interferir positivamente na realidade destes. O professor entrelaça o conhecimento didático com o conhecimento científico. Assim, há uma transformação social.

Ensinar vai além do conhecimento específico. Quem ensina é desafiado a unir as experiências específicas e o saber didático. A prática pedagógica possibilita que o processo de ensino e aprendizagem tenha significado ao aprendiz e este internaliza e executa ações vinculadas ao conhecimento que está em construção e/ou já foi alcançado.

O histórico da Educação remete a prevalência de um conhecimento sobre outro. Em alguns períodos houve destaque na relação professor e aluno, nas técnicas de ensinar, no estímulo para aprender. Também momento com ênfase na psicologia conciliada a pedagogia, a então psicopedagogia. Também houve época em que as técnicas de ensinar vieram para fazer da pedagogia uma inovação de ensino. No entanto, as experiências não ganharam destaque em sua história. Então, o profissional da educação é chamado a considerar o contexto e as experiências do discente.

De acordo com Plantamura (2003) a educação é interligada com a práxis social. Os educandos instiga o saber através de suas ações. Exige destes a criatividade, motivação, contextualização, além do conhecimento específico. Dessa forma, a educação reflete na sociedade de maneira transformadora.

Conforme o texto (2003, p. 122) o anseio por novas atitudes exige a mudança de pensamento, a reflexão. A modernidade e pós-modernidade abrange a produção

industrial, porém o conhecimento, novo saber, vem de encontro para aperfeiçoar o que está e irá executar. “Mudar a maneira de pensar é fundamental para a busca desta nova maneira de ver o mundo e de articular saberes e competências.”

A transdisciplinaridade contribui para o vínculo entre as disciplinas. Dado que, abrange conteúdos e/ou assuntos voltados a mais de uma disciplina. Dessa forma, o discente assimila melhor o conteúdo e torna-se significativo ao mesmo.

Perrenoud (2002) discorre que o verdadeiro profissional reflexivo tem a prática reflexiva como hábito, no seu cotidiano. Visto que, independente da situação que esteja suas ações são resultados de uma reflexão. Sobretudo destaca a reflexão no âmbito educacional, na ação do profissional que ensina, pois abrange os saberes da ciência de todas as áreas profissionais.

O autor (2002, p. 16) comenta que os saberes científicos e as ações educativas por poucas vezes foram destacadas. Dado que as demais áreas ganham espaço e investimentos para suas técnicas serem desenvolvidas. As ações de um professor se baseiam no seu conhecimento e contexto que está inserido.

Portanto, na educação, o principal desafio não é afirmar a parcela da competência situada para além dos conhecimentos científicos. O desafio de uma ligação explícita e voluntarista ao paradigma reflexivo é complexo, pois se trata ao mesmo tempo:

- de ampliar as bases científicas da prática, onde elas existam, e lutar contra uma ignorância ainda muito ampla das ciências humanas, da psicologia e, acima de tudo, das ciências sociais;
- de não as mistificar e de desenvolver formações que articulem racionalidade científica e prática científica reflexiva, não como irmãs inimigas, mas como duas faces da mesma moeda.

O texto (2002) enfatiza que iniciar o ato reflexivo é um desafio. Está inteiramente ligado a realidade. Observar, analisar as ações e avaliar não é o suficiente para o ato reflexivo plausível. Afinal, se culpar, lamentar e não alterar seu trabalho, de nada adianta. Então, a prática reflexiva exige mudanças, tomadas de novas atitudes.

O principiante reflexivo é impactado, pois mudanças mexem com o ser humano. Dado que, é viável a construção de novos ambientes, tanto para seu próprio preparo quanto para os que serão estimulados em suas ações. Dessa forma, aprenderá a fazer agindo diferente com o novo.

Conforme o autor (2002) o desafio do profissional reflexivo é a busca do aprendizado que envolva atitudes e posturas. Visto que é essencial que o professor

prepare ambientes propícios e contextualizado com o que será discursado. Toda maneira inovadora para aprender a fazer o que é inédito, mas que proporcione mudanças aos envolvidos.

Perrenoud (2002) discute que o professor iniciante se depara com fatores que levam a tomadas de decisões. Destaca que é uma transição em que sai da posição de estudante e se torna um profissional que direcionará outros indivíduos. Assim, há uma relação entre o emocional e cognitivo que promove este a novos desafios.

O professor iniciante, geralmente, está cheio de energia e anseio para a nova etapa. Dado que está disposição poderá contribuir para o ato reflexivo de sua função. Agindo assim, se torna um profissional reflexivo que busca inovar e transcender sua profissão com excelência. Porém, a angústia gerada, em muitos casos, podem se transformarem em frustração. Por isso, é um desafio ser professor com excelência.

Segundo o autor (2002) a formação continuada delibera ao professor formador de outros professores a missão de dialogar a teoria com a prática vivida por tais. Visto que é o momento da reorganização e adequações para o ensinar, construir novas competências e, assim, possibilitar o ensino significativo, iniciando aos professores. Também é o momento em que soma-se e/ou há novas descobertas para o processo de ensino e aprendizagem.

O autor (2002) pontua que, por muito tempo, os professores formadores de novos docentes sustentavam a prática profissional em somente falar e não ouvir. As aulas, por diversas vezes, partiam do improviso, sem a base do currículo toda a preparação para uma prática reflexiva. Além disso, nas formações continuadas permeava a ausência do diálogo formativo e, conseqüentemente, eclodia e intensificava os pontos negativos de ser professor.

Em contrapartida surgiram formações continuadas em que os formadores começaram a pensar e analisar suas práticas e situações a serem modificadas para resultados aceitáveis. Assim, iniciou-se um momento de transformação. Este exige novos olhares e saberes, permitindo que todos envolvidos reflitam sua prática e a faça ter significado tanto para si, quanto aos que seriam tocados pela sua prática. Dessa forma, visa que a formação inicial e continuada tenha a prática reflexiva.

De acordo com Perrenoud (2002) a prática reflexiva resulta de dois processos da mente. A ação refletida é consequência da reflexão antes de agir, independente do lugar, situação, objetos e/ou pessoas envolvidas. Ressalta-se que há ações de

curto e longo prazo, no entanto, ambas podem ser provenientes da prática reflexiva. O outro fator é a reflexão da ação executada em que sua própria ação é analisada. Dessa forma, tem-se a reflexão antes e após a ação.

Segundo o autor (2002, p.63) a prática reflexiva de um professor o beneficia em vários âmbitos incluindo o profissional e o pessoal. Dado que o motiva através da construção do sentido de tudo.

Em outras palavras, uma vida tranquila e metódica pode anestesiar a busca de sentido, levando as pessoas a nunca se perguntarem o porquê, com que direito e em virtude de que sonhos escolhem determinados caminhos. (...) O profissional reflexivo vive na complexidade “como um peixe dentro d’água”, ou, pelo menos, sem revolta e sem nostalgia incurável do tempo em que tudo representava segurança.

Instigar mudanças sociais exige primeiramente transformação de si mesmo. Aceitar este desafio é ter a certeza que precisará de dedicação, comprometimento, força, enfim, provoca a reflexão do olhar do outro para si. Dessa forma, o profissional iniciante, independente da área atuante, é impactado e isso proporcionará seu crescimento pessoal, mudanças de atos, novas decisões, nova postura.

As práticas educacionais pautadas pedagogicamente permeiam a prática reflexiva. Por intermédio das ações pedagógicas há a reflexão do que é executado em sala de aula. Assim, a razão pedagógica é a base do trabalho reflexivo no processo de ensino e aprendizagem.

2 A PRÁTICA DOCENTE E SUAS INTERFACES SOCIAIS

De acordo com Diesel (2017), as mudanças que ocorrem no mundo afetam a sociedade. Dado que a comunicação, a relação com o outro, o cotidiano das pessoas e a escola são atingidas. Dessa forma, a prática docente é refletida pela realidade que a sociedade permeia.

As análises feitas por diversos autores/cientistas quanto a postura docente conteudista e quantitativa, levam a desafiar os professores a terem novas ações com ênfase na aprendizagem significativa. Logo, a formação docente amplia sua prática e reflexão. “(...) mudanças da sociedade contemporânea trazem em seu bojo a exigência de um novo perfil docente. (...) com base numa postura reflexiva,

investigativa e crítica.” (DIESEL, 2017, p. 269)

O método tradicional ainda prevalece no meio educacional. Dado que, o docente se coloca como detentor do conhecimento e os discentes permanecem passivos, como reprodutores de informações.

Aulas preparadas pelo professor de maneira dinâmica e que permita a intervenção, participação dos discentes, promovem o desenvolvimento plausível do que se objetiva. O uso dos meios tecnológicos vem para associar, não substituem o professor. Dessa forma, a aprendizagem acontece com maior facilidade quando há a interação entre os envolvidos e os meios utilizados.

O método ativo, idealizado por Freire, propõe a interação entre os indivíduos através da linguagem, ações e reflexões. O sujeito principal é o estudante. Portanto, o saber é construção, não se pauta em transmitir informações.

O discente é um sujeito histórico no método ativo. Visto que, sua história, suas experiências, seus saberes, são a guinada no processo de ensino e aprendizagem. Assim, torna-se significativo ao ser aprendiz.

O ensino realizado com as metodologias ativas proporciona a formação de profissionais com excelência. Dado que, com esta prática, o docente possibilita que os indivíduos sejam autônomos em suas ações.

Destaca-se ainda que a construção efetiva de profissionais diferenciados requer, na concepção da equipe do projeto, uma abordagem baseada na utilização de metodologias ativas de ensino na formação inicial desses sujeitos, além disso, acredita-se ainda que o exercício refletido dessa vivência poderá fortalecer uma prática docente mais consciente e efetiva, favorecendo assim a formação de sujeitos autônomos e, por conseguinte, a construção de uma educação com qualidade social para todos. (DIESEL, 2017, p. 272)

O texto (2017) aborda que as metodologias ativas tem foco principal no estudante. Antes da Escola Nova o centro, a valorização estava focada somente no professor. Dessa forma, com a construção de novas metodologias, o aprendiz passa a fazer parte do processo de aprendizagem efetivamente.

O aluno, nas metodologias ativas de ensino, é o centro do ensino e de aprendizagem, é instigado a ter autonomia, refletir, inovar, trabalhar em equipe, problematizar a realidade e o professor é mediador em todo processo. O estudante é estimulado a controlar-se e participar das atividades na sala de aula. Esta ação gera autonomia e motivação do aprendiz.

Fragmentar os conteúdos ministrados em sala de aula pode ser um fator que gera desmotivação dos estudantes. Aprender, estudar, associando o saber a realidade, promove melhor desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, contextualizar o que é trabalhado em sala de aula instiga uma aprendizagem com significado ao discente.

O método ativo propõe estimular a crítica e a reflexão nos elos de aprendizagem. Dado que o estudante é um sujeito ativo em todo processo de ensino e de aprendizagem. Os mesmos participam das aulas, perguntam, discutem, observam, comparam, opinam, dentre outras ações que estimulam a aprendizagem com autonomia.

A interação entre os sujeitos promove a construção do conhecimento. Visto que, o contato com o outro gera o diálogo, compartilha ideias e opiniões, associa-se o saber científico à realidade e, conseqüentemente, desperta a criatividade, reflexão e novos conhecimentos sucessivos.

Conforme o texto (2017) a metodologia ativa desafia o professor e o estudante convidando-os a criar e inovar na dimensão educacional. Dessa forma, o discente deixa de ser apenas receptor de informações e caminha juntamente com o professor para que novos saberes se instaurem.

A formação acadêmica é essencial ao ser humano. Assim, o conhecimento do docente e a prática educativa estimula o pensar, refletir. Logo, o indivíduo que busca o saber compreende e transforma vidas, mantendo o respeito e dignidade do outro.

Em outras palavras, ensinar a pensar significa não transferir ou transmitir a um outro que recebe de forma passiva, mas o contrário, provocar, desafiar ou ainda promover as condições de construir, refletir, compreender, transformar, sem perder de vista o respeito, a autonomia e dignidade deste outro. Esse olhar reflete a postura do professor que se vale de uma abordagem pautada no método ativo. (DIESEL, 2017, p. 278)

Professores que abordam o método ativo cuidam da sua turma. Dado que, acolhe, estimula, incentiva, direciona os estudantes, seja em grupo ou individualmente. O educador supervisiona o processo de aprendizagem e proporciona condições favoráveis ao bom desempenho.

As metodologias ativas são pautadas na prática de um educador que busca conhecer sua própria ação vinculada ao ambiente e indivíduos envolvidos no processo. Visto que, o professor investiga atentamente o aluno e executa novas

práticas para intervir positivamente para o desenvolvimento do aluno. É considerável que o estudante se expresse, o professor observa para ter uma problemática sucinta em que trabalhará com suas ações para modificar e estimular o desempenho dos discentes.

O aprendizado acontece com a mediação de alguém, ressalta-se o professor. Este, quando ensina de maneira que os envolvidos sejam autônomos, possibilita a construção do conhecimento. Portanto, o docente não é detentor do saber, mas mediador do saber.

O interacionismo tem o estudante como um ser ativo construtor do conhecimento. As ferramentas que utiliza, como livros, atividades, relação com o outro, contribuem para tornar significativo o saber. "(...) ao professor cabe a tarefa de propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos, facilitando sua aprendizagem. (...)" (DIESEL, 2017, p. 280)

O texto (2017) enfatiza que na concepção de Vygotsky o contato com o outro é importante para a aprendizagem. O desenvolvimento cognitivo se instaura na zona de desenvolvimento proximal, que é o intervalo entre o que o sujeito já sabe, está apropriado e aquilo que poderá adquirir cognitivamente. Dessa forma, o docente investiga e considera o que o estudante tem de conhecimento real para intervir/mediar no alcance do conhecimento potencial.

É ressaltado no texto (2017) que a abordagem de John Dewey também vai de encontro com as metodologias ativas de ensino. Dado que, defende que no ambiente escolar o estudante está adquirindo experiência, uma vez que faz parte da sua vida. É o local onde possibilita aprender experimentando.

Tudo no processo de ensino e aprendizagem tem que ter sentido e significado. O que é vinculado ao real do estudante torna significativo. Assim, o estudante pensa sobre o que é abordado na instituição escolar para o seu contexto. Este passa a agir ativamente em suas atividades.

As metodologias ativas favorecem a aprendizagem significativa. A aprendizagem mecânica não possibilita que o sujeito internalize o conteúdo. Portanto, decorar para responder determinada atividade avaliativa ou algo semelhante é apenas um falso conhecimento, não foi assimilado, o indivíduo logo esquecerá.

Conforme o autor (2017, p. 283) a teoria audubeliana defende que a aprendizagem tem que ter significado para não se perder. O professor que considera

o conhecimento prévio do estudante e dar condições para novos saberes se instaurarem, valorizando o aluno, torna-se significativo a este.

Assim, para que a aprendizagem seja significativa, o docente precisa levar em conta o conhecimento prévio do aluno, a potencialidade do material e a disposição do aprendiz em aprender. Daí que se configura a aproximação com o método ativo.

O texto (2017, p. 283) comenta que a concepção freiriana é de problematizar desafios concretos para estimular a reflexão do sujeito e assim construir novos conhecimentos. Visto que proporcionar esta realidade é um desafio para o educador. É necessário que haja ambiente adequado, todos saibam respeitar uns aos outros e conciliar conceitos, comparar o que é apresentado pelo professor e dialogar. “(...) ressalta-se a relevância de promover discussões em sala de aula, de forma que o aluno possa praticar o exercício de formular uma opinião sobre determinado assunto, ouvir outras opiniões, refletir sobre elas e argumentar de forma cortês.”

As ideias de Freire superam o tradicionalismo. O estudante dialoga, reflete, pensa na construção do saber. O professor contextualiza o conteúdo a ser trabalhado, valorizando a realidade dos sujeitos. Dessa forma, ações como ouvir os discentes, valorizar e respeitar as opiniões, dialogar, questionar, dentre outras ações, configuram vínculo entre a concepção freiriana e as metodologias ativas.

Os professores que planejam suas aulas e buscam inserir atividades que envolvam os discentes obtém melhores resultados de aprendizagem. Inovar, propor novidades, diálogos, debates, perguntar, dentre outras ações compõem os métodos ativos. Assim, mantém o estudante como foco da aprendizagem e o espaço escolar tem significação a este. Afinal, se tornam ativos e autônomos.

3 O PROCESSO AVALIATIVO E SEUS REFLEXOS PEDAGÓGICOS E SOCIAIS

Conforme Esteban (2003, p. 8) o processo avaliativo escolar resulta em uma demanda de exclusão social. Dado que os conflitos sociais refletem no aprendizado dos indivíduos. A falta de oportunidades em todos os ângulos contribui para este cenário. Dessa forma, faz-se necessário um caminho em que “(...) ultrapasse os limites da técnica e incorpore em sua dinâmica a dimensão ética.”

Esteban (2003) comenta que se não houvesse as avaliações vários aspectos poderiam se perder. Visto que o estudante é cobrado para ter bom desempenho. Para isso, estima-se que, estude, leia, internalize o que foi trabalhado em sala de aula. Os discentes que sobressaem, muitas vezes, recebem méritos e, quando acontece o contrário é cobrado, pelo menos o mínimo exigido para obter aprovação, isto acontece por parte da escola e da família.

A autora (2003) discute que a ação avaliativa é vista pela maioria como algo necessário, porém há diversos conflitos para que se tenha novas alternativas. A visão para esta é de que haja a técnica vinculada à ética.

Segundo a autora (2003) a (re) construção das propostas escolares incluem o processo avaliativo. Enfatiza que há três principais fatores que permeiam a temática: a visão quantitativa, em que aplica-se provas, geralmente objetivas e o resultado é pautado somente em produtividade; avaliação pautada na qualidade e quantidade, chama-se de híbrida em que há conceito social e histórico dos indivíduos, porém a avaliação é quantificada; por fim, a avaliação democrática em que os estudantes são valorizados em um processo de inclusão, nesta perspectiva há o processo para todos de igual modo, direito em se inserir na sociedade em um todo e ser valorizado no processo de construção do conhecimento.

O texto (2003) afirma que a escola é um lugar movido por vários fatores que acontecem no dia a dia. A partir dessa perspectiva emanam discursos que produzem novos saberes.

A avaliação que geralmente é realizada nas instituições escolares é fundamentada no teor classificativo. Visto que, considera-se o não saber como foco. No entanto, na visão de Esteban, o que é importante considerar são os acertos, o que se aprendeu. Considerar a diversidade que há nas salas de aula.

A avaliação escolar, nesta perspectiva excludente, silencia as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos; desvalorizando saberes fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem como a ausência de conhecimento. A classificação das respostas em acertos e erros, ou satisfatórias e insatisfatórias, ou outras expressões, ou satisfatórias e insatisfatórias, ou outras expressões do gênero, se fundamenta nessa concepção de que saber e não saber são excludentes e na perspectiva de substituição da heterogeneidade real por uma homogeneidade idealizada. (ESTEBAN, 2003, p. 15-16)

A autora (2003) defende que o processo avaliativo seletivo e excludente demonstra a necessidade de novos olhares e, por consequência, novas ações. Visto que, o histórico, a realidade do estudante reflete diretamente em seu rendimento ao fazer uma avaliação, seja ela escrita ou não. O diálogo é pontuado com uma possibilidade para desencadear novos processos ao avaliar um discente.

O professor, além de analisar como está avaliando através do diálogo possibilita identificar a visão do aluno quanto a maneira que o docente avalia. Dessa forma, é possível pontuar o que é positivo e os pontos de melhorias. Cabe ao docente permitir e lançar este desafio para si mesmo, com o objetivo, de conduzir sua prática com bons resultados. “Ao dialogar com o aluno, ainda que brevemente, e ao se dispor a aprender com ele, o professor desfaz muros e restabelece laços. (...)” (ESTEBAN, 2003, p. 18)

4 PROCEDIMENTOS DE APRENDIZAGEM: a busca da formação de indivíduos autônomos

Esteban (2003) discorre sua concordância referente a zona de desenvolvimento proximal conceituada por Vygotsky. Dado que este conceito considera o que o aluno tem de aprendido e, intermediado pelo professor/mediador, consegue novos conhecimentos. O histórico, a cultura, a realidade do aluno são pontos de partida para novos avanços cognitivos.

De acordo com Neves (2006, p. 7), Vygotsky considera o homem como um ser histórico. Visto que o indivíduo age no meio em que está inserido. O ser humano é um ser transformador.

Na abordagem vygotskyana, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere. Assim, é possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro.

Avaliar somente para obter números não é o melhor caminho. Não considerar o conhecimento já alcançado acaba por não possibilitar novos olhares novas buscas. A avaliação faz parte do processo de ensino e aprendizagem diretamente.

Os erros dos alunos taxados como pontos negativos podem, em outro olhar, direcionar o professor quanto ao que deve fazer o que deve trabalhar em suas aulas. Os acertos, que em sua maioria, são os pontos considerados unicamente positivos. No entanto, perceber o que o discente ainda não sabe é uma excelente alternativa para reflexão e conseqüentemente nova ações do docente.

O erro passa a ser visto por outro prisma, como momento do processo de construção de conhecimentos que dá pistas sobre o modo como cada um está organizando seu pensamento, a forma como está articulando seus diversos saberes, as diversas lógicas que atravessam a dinâmica ensino/aprendizagem, as muitas possibilidades de interpretação dos fatos, a existência de vários percursos, desvios e atalhos, as peculiaridades de cada um nos processos coletivos, a tensão individual/coletivo. (...) Neste sentido, passa a ser um estímulo (ou um desafio) ao processo ensino/aprendizagem – estímulo para quem aprende e estímulo para quem ensina. (ESTEBAN, 2003, p. 21)

Esteban (2003) comenta que o processo avaliativo, em sua visão, como classificação está limitado. Defende que avaliar deve ser um momento de investigação em que permite observar e analisar não apenas o que foi escrito e/ou falado, mas o ser em um todo. Avaliar é permitir que novos saberes se instaurem. O maior objetivo é que todos construam novos saberes, conforme seu tempo, caminho e mediação que tiver.

A autora (2003) convida e desafia os professores que anseiam por mudanças benéficas no processo avaliativo a refletirem suas práticas e obter possibilidades para resolução do que pode ser melhorado. Visto que, a prática pedagógica está sempre em movimento. Os docentes tem autonomia a serem cada vez melhor naquilo que é seu maior objetivo que é ensinar, contribuir para o desenvolvimento cognitivo de todos que perpassam em suas vidas.

Esteban (2003) apud Garcia afirma que a avaliação quantitativa acaba por incluir ou excluir pessoas. Com esta essência há um controle escolar em que destacam uns e reprimem outros. O processo de ensino e aprendizagem que não rompe a percepção de que o professor ensina e o aluno aprende, se prende em metodologias que não possibilitam o diálogo entre os envolvidos e os novos olhares que proporcionem o desenvolvimento destes.

A quantidade, a maior nota, os acertos como base das avaliações levam ao conhecido decorar. Muitos e muitos alunos estudam e/ou apenas decoram o que possivelmente será cobrado na prova. Dessa forma, o que tirou nota máxima pode não ter alcançado o conhecimento adquirido por aqueles que não sobressaíram na contagem avaliativa. Os resultados das provas quantitativas podem maquiar a verdadeira realidade da turma, do estudante.

O prazer de aprender desaparece quando a aprendizagem é reduzida a provas e notas; os alunos passam a estudar “para de dar bem na prova” e para isso têm de memorizar as respostas consideradas certas pelo professor ou professora. Desaparecem o debate, a polêmica, as diferentes leituras do mesmo texto, o exercício da dúvida e do pensamento divergente, a pluralidade. A sala de aula se torna um pobre espaço de repetição, sem possibilidade de criação e circulação de novas ideias. (ESTEBAN, 2003, p. 41 apud Garcia)

Independente da etapa em que o estudante esteja geralmente, no primeiro dia de aula quer saber que tipo o procedimento de avaliar que o professor executa. Dado que anseiam e temem o novo. Quanto mais inovador for o docente, mais desafiador se torna ao discente.

O processo de investigação proposto pela autora (2003) convida o professor a refletir sobre sua prática e leva a novos olhares. Novas percepções para algo novo, que estimule o aprender. O professor identifica pontos que podem ser alterados, acrescentados e/ou retirados em sua prática. Assim, desenvolve e executa as atividades/avaliações com foco no aprender.

Esteban (2003) apud Barriga enfatiza que as problemáticas educativas tem ligação com o histórico da sociedade. Dado que o neoliberalismo perpetua-se que se faça mais com menos. Consequentemente, o custo por estudante, o investimento na educação sofre efeitos do cenário econômico.

Diante disto, o texto discute que o exame é um meio em que restringe o acesso à educação, pois através deste não obtém o verdadeiro resultado quanto ao conhecimento do indivíduo. Visto que, por diversos motivos quem tem o saber pode não se destacar na hora do exame. O exame surgiu na China para burocraticamente escolher integrantes das castas inferiores e criou-se as notas escolares com os vínculos à pedagogia.

O texto (2003, p. 57) faz crítica ao exame. Afirma que este denota problemas diversos, pois são frutos das marcas sociais. O sistema educacional através da

avaliação movimenta em torno de resolver as questões desta, deixa de trabalhar em prol do desenvolvimento qualitativo e afunila-se no exame. Assim, toda a instituição e os que dela fazem parte tem seus olhares nos resultados e notas obtidas nas provas. “(...) o exame não pode resolver uma infinidade de problemas que se condensam nele.”

Os exames acaba por direcionar à inversão de relações. O texto (2003) cita três pontos de inversão: transformação dos problemas sociais em pedagógicas; resume as problemáticas metodológicas somente ao exame; maquia os desafios teóricos da educação direcionando as técnicas de avaliação.

Passar de uma série ou período para outro, inserir em uma instituição escolar, independente do nível, certificar profissionalmente, são alguns dos objetivos dos exames. Dessa forma, a objetividade em avaliar postula sujeitos que, em muitas situações, não tem o conhecimento que aparenta em um exame. Assim, as problemáticas sociais como acesso à educação, inserção em empregos, justiça social, dentre outros são transferidos para os fatores técnicos de avaliar. “(...) Esta inversão de relações sociais em problemas de ordem técnica converte a questão do exame numa dimensão cientificista.” (ESTEBAN apud BARRIGA, 2003, p. 59)

A inversão de problemas metodológicos a problemas de rendimento é ressaltado pelo fato de que o exame é aplicado para certificar e promover os indivíduos. Visto que o exame desvincula-se ao método. Quando associado a metodologia, o exame, tem a função de solucionar problemas de aprendizagem, porém com suas funções novas, perde-se esta essência. O sujeito é submetido em um processo já estabelecido.

Com o passar dos anos os exames mudam de nomes como testes, avaliações, que são provindos da transformação social. Dado que, a avaliação é uma maneira de controle social.

Desta forma, a ação na aula se converte em uma ação perversa em seu conjunto: os professores só preparam os alunos para resolver eficientemente os exames e os alunos só se interessam por aquilo que representa pontos para passar no exame. O exame moderno (com seu sistema de notas) se converteu de fato num instrumento adequado para a perversão das relações pedagógicas. Estas não se prendem mais ao desejo de sabe. Frequenta-se a escola para obter notas. O surgimento das notas modificou os eixos do trabalho da pedagogia. A teoria técnica do exame construiu uma pedagogia centrada nele próprio. A pedagogia do exame se mostra a si mesma como eficiente quando consegue representar com um número a aprendizagem do estudante. (...) (ESTEBAN apud BARRIGA, 2003, p. 77)

Atribuir as notas com objetividade apenas “alivia” o professor em criar notas. Sendo assim, a nota pode e não pode ser a real aprendizagem do sujeito. “(...) A nota só é uma convenção através da qual a escola certifica um conhecimento.” (ESTEBAN apud BARRIGA, 2003, p. 81)

As problemáticas em sala de aula são serão solucionadas pelas exigências extremas nos exames escolares. Dado que é viável transformar a sala de aula em um ambiente para refletir, dialogar e construir novos pensamentos. Logo, as avaliações estarão em segundo plano, apenas como parte do processo ensino e aprendizagem e não a espera de uma resposta específica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa bibliográfica realizada é possível compreender que as metodologias ativas possibilitam uma aprendizagem significativa. Dado que o sujeito se torna ativo e tem autonomia através da construção do conhecimento que foi percorrido.

A necessidade de formar indivíduos autônomos possibilita o exercício constante da reflexão. Visto que, quem ensina, pensa e organiza o que será trabalhado e dá condições, através das ferramentas que este utiliza para uma aprendizagem participativa e, conseqüentemente, autônoma.

O docente que executa a reflexão em suas ações é desafiado a todo o momento. Refletir exige pensar, organizar, reorganizar, para então, agir. Assim, sua ação estimula o outro e possibilita o desenvolvimento do indivíduo.

As ações executadas pelos docentes são direcionamentos no processo de ensino e aprendizagem. Possibilitar o diálogo é importante para a construção do saber. Desse modo, proporciona o combate da alienação propiciada pela reprodução de conteúdos como simples informações transmitidas e acatadas como se os estudantes fossem meros recipientes vazios.

O estudante está inserido em um contexto, tem um conhecimento prévio e busca alcançar algo para além do que já foi internalizado por este. O professor tem o papel de intermediar, facilitar que o sujeito conquiste novos saberes. No entanto, o que já foi acomodado cognitivamente é considerado pelo docente e, com vários meios e instrumentos, há o alcance e/ou ampliação do conhecimento.

O processo avaliativo também faz parte da aprendizagem. O professor que direcionará de maneira que seja benéfico ao aprendiz e para identificar se os direcionamentos executados são produtivos e levam a formação integral do sujeito. Assim, o docente é estimulado a dar continuidade e/ou pensar novos caminhos para que a aprendizagem aconteça significativamente.

As metodologias ativas instigam o discente e o docente a serem criativos. Visto que, foge do tradicionalismo e desafia-os a executarem algo novo. Aprender através das diversas maneiras criativas. Por isso, o professor é convidado a criar, pesquisar, pensar em diversas maneiras para estimular a aprendizagem e o estudante é chamado para executar as ações propostas e obter novos conhecimentos, independente da área ou nível que esteja inserido.

O professor não sabe tudo. O discente tem um conhecimento precedente. Dessa forma, o professor se torna pesquisador juntamente com o estudante. O que já se sabe pelo aprendiz é considerado e, através deste, constrói-se objetivos a serem alcançados. O diálogo, o envolvimento com o outro, a pesquisa, a roda de conversa, dentre outras ações, são caminhos para esta construção.

O docente que permite a participação ativa dos discentes e os envolve ao conteúdo/assunto a ser trabalhado, tem maiores implicações positivas no processo de ensino e aprendizagem. Dado que, o sujeito ser ativo neste processo proporciona a autonomia perante as diversas situações que se depara. Dessa forma, contribui para a formação de indivíduos capacitados aos diversos desafios que enfrentam e enfrentarão. O conhecimento é uma ferramenta que tem imenso valor na vida do ser humano. Por isso, as metodologias ativas proporcionam benefícios para todos envolvidos e consequentemente à sociedade.

ABSTRACT: Teaching is a challenge that requires dedication and the assignment of paths to follow. Learning is a process. The objective of this study is to demonstrate that the process of teaching and learning has to have meaning to the student. A bibliographical research was carried out with the objective of inserting the student researcher with the existing information on the theme studied. Learning linked to social practice leads to the formation of competent individuals and their function. The main subject is the student. Therefore, knowledge is construction, it is not about transmitting information. The student, in active teaching methodologies, is the center of teaching and learning, is encouraged to have autonomy, reflect, innovate, work as a team, problematize reality and the teacher is the mediator in the entire process. The student is encouraged to control himself/herself and participate in activities in the

classroom. This action generates autonomy and motivation of the learner. The active methodologies are based on the practice of an educator who seeks to know his or her own action linked to the environment and individuals involved in the process. In addition to analyzing how the teacher is evaluating through dialogue, the teacher can identify the student's view from the way the teacher evaluates. Through the bibliographic research carried out it is possible to understand that the active methodologies enable significant learning. This is because the individual becomes active and has autonomy through the construction of the knowledge that has been reached.

KEYWORDS: Active methodologies. Significant learning. Active and autonomous individuals.

REFERÊNCIAS

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica.** Revista Thema, 2017, v. 1, n. 1, p. 268 - 288.

ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** 7. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2009.

NEVES, Rita de Araújo. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem.** UNlrevista - Vol. 1, nº 2 : abril 2006. (Mestrado em Educação) Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3453/Vygotsky%20e%20as%20teorias%20da%20aprendizagem.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21 nov. 2019.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PLATAMURA, Vitangelo. **Presença Histórica, competências e inovação em educação.** Petrópolis: Vozes, 2003.